

Editorial

O Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes apresenta, no sétimo número da *Revista Práxis*, diferentes textos que trazem como eixo central reflexões sobre a Inclusão e seu atravessamento no universo da Educação. O tema sobre a Inclusão tem há muito tempo assumido uma importância significativa nos espaços escolares e na sociedade de um modo geral. A forma como a sociedade foi se estruturando, produzindo uma marginalidade completamente excluída, muitas vezes, de sua própria condição humana, nos obriga a repensar novas formas de relações e de percepções da subjetividade. No entanto, temos que tomar cuidado com o discurso sobre a Inclusão, para que ele não represente apenas um movimento de inserção daquele que está “fora”, mas para que ele possa representar um repensar este lugar, o “dentro”. O “fora” é o lugar reservado àquele que se colocou historicamente como Diferente, como Outro; deslocá-lo não significa fazer subsumir a Diferença, mas uma possibilidade de aprendermos com ela.

O primeiro texto da revista, intitulado “A explicação de estudantes do ensino médio de uma rede particular para a exclusão e a construção de identidades”, de *José Licínio Backes*, nos apresenta nesta direção, o quanto os processos de inclusão e exclusão estão profundamente articulados. Tanto um como outro se sustentam pelos sentidos produzidos culturalmente e que circulam em diferentes espaços, com destaque para o espaço escolar.

As autoras *Claudia Glavam Duarte e Vera Lucia da Silva Halmenschlager*, em seu texto “Reflexões sobre inclusão/exclusão no âmbito da Educação Matemática”, problematizam a inclusão, no currículo escolar, dos saberes matemáticos de determinados grupos culturais que foram silenciados, negados e excluídos, ou seja, saberes que foram classificados como inferiores e que, por este motivo, estão colocados à margem dos saberes escolares. Em “Educação Inclusiva: diálogos e fazeres possíveis na escola regular. Um compromisso da supervisão escolar?”, as autoras *Dalila Inês Maldaner Backes e Verônica Catarina Scheefer Pereira* analisam a

lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e as implicações desse texto para pensarmos uma educação voltada para todos. A escola passa a ver a diferença como uma possibilidade de aprendizagem na qual todos os envolvidos - alunos, professores, pais, e equipe pedagógica - são co-responsáveis pela efetivação da proposta inclusiva. No artigo “Você tem Síndrome de Down: algumas reflexões sobre a não comunicação do diagnóstico entre pais e filhos”, as autoras *Fernanda de Oliveira Martini, Laura Kolberg Lipp, Tatiani Flain dos Santos e Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto* apresentam uma pesquisa que visa a refletir sobre as repercussões da não comunicação do diagnóstico na relação pais-filho com síndrome de Down. Para tanto, foi realizada uma reflexão teórica, a partir de três frases que foram recortadas de uma pesquisa maior, cujo objetivo foi investigar os discursos sobre a inclusão escolar dos pais de alunos com síndrome de Down, matriculados em escolas de ensino regular do município de Novo Hamburgo.

Em “A concepção de sujeito como (in)viabilizadora da aprendizagem”, *Marianne Montenegro Stolzmann Mendes Ribeiro* trabalha as questões da aprendizagem, tendo como referencial teórico a Psicanálise. A partir de recortes no discurso de professores, analisa a concepção de sujeito que está implícita nestas falas, procurando estabelecer aproximações com a possibilidade ou não de um sujeito aprender. *Norberto Kunh Junior*, em “A opinião como fundamento de análise da realidade social e a semiose como recurso epistemológico em contexto pedagógico”, nos coloca o desafio de pensar a condição do aluno e do professor na instauração do processo de reflexão conceitual sobre a vida social cotidiana (o nosso *entorno social*), em que operamos centenas de “eu acho que” explicativos. O chileno *Ricardo Salas Astrain*, em seu artigo “Precomprensión, mundo de vida y Culturas Originárias”, apresenta a pré-compreensão e o mundo da vida nas culturas originárias a partir da perspectiva da interculturalidade, trazendo a rica realidade vivida por povos e que contribui na reflexão de muitos pensadores da área da Filosofia e das Ciências Sociais.

No artigo “Planejar considerando a diversidade: uma proposta possível”, as autoras *Tânia Maria Moura da Rosa e Luciana Ferreira da Silva* abordam os resultados dos dados de uma pesquisa qualitativa, estudo de caso, realizada com crianças da Educação Básica e seus educadores, que teve por objetivo discutir o planejamento docente e a prática pedagógica reflexiva considerando a diversidade. *Roswithia Weber*, em “Turismo, Educação e Diversidade Étnico-cultural em Contexto de Reativamento da Identidade Alemã”, analisa as relações entre turismo, educação e diversidade étnico-cultural a partir do contexto de reativamento da identidade alemã em alguns municípios do Rio Grande do Sul que integram um roteiro turístico denominado Rota Romântica.

Em outro texto intitulado “Quem empurra a cadeira?”, as autoras *Sônia Maria Strack, Luciana Ferreira da Silva e Luciane Varisco Focesi* apresentam discussão sobre um estudo de caso em Psicopedagogia Clínica a partir da análise das questões de inclusão escolar e social de familiares dos educandos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs). Para ampliar as discussões sobre Inclusão, *Vicente Zatti*, em seu texto “Nietzsche: vontade de poder, perspectivismo e a questão da pluralidade em Educação”, faz uma análise do pensamento de Nietzsche a partir de sua crítica ao pensamento metafísico, que abala o conceito tradicional de verdade. Dessa forma, o pensador desconstrói a visão unitária estabelecida pela metafísica, o que possibilita o olhar para a heterogeneidade da vida, trazendo à tona questões referentes à pluralidade e à diferença. Nesse contexto, a inclusão adquire importância em educação e surge como uma questão de aprendizado histórico.

Os autores *Claudia Schemes, Cleber Cristiano Prodanov e Ida Helena Thön*, em “O museu como espaço de inclusão: o Museu Nacional do Calçado-MNC e o projeto *Mentes Coloridas*”, analisam as possibilidades didático-pedagógicas e de inclusão do Museu Nacional da Calçado (Novo Hamburgo-RS). Partindo do princípio de que o museu é um espaço interdisciplinar e de inclusão social, relatam a atividade desenvolvida pelo MNC com o projeto *Mentes Coloridas*, que é uma atividade de inclusão na área de arte-educação com portadores de paralisia cerebral e física, deficiência mental e síndrome de Down.

Em “Notas sobre um contexto educacional singular”, *Rosimeri Aquino da Silva* busca refletir sobre a inserção da homossexualidade no debate contemporâneo sobre a necessária educação inclusiva na sociedade brasileira. Através de uma análise da atuação de professores de áreas humanísticas e de uma professora travesti (representante da ONG Igualdade), participantes dos cursos de atualização e formação, destinados a servidores da segurança pública do Estado do Rio Grande do Sul - alunos-policiais - observo a contribuição dessa experiência pedagógica na constituição desse debate. Em “Currículo e gênero: um olhar para a inclusão escolar”, *Eliana Müller de Mello e Monica Pagel Eidelwein* procuram refletir sobre o

discurso homogeneizador da Escola, no qual a normalização das identidades de gênero tem um papel fundamental. Problematisa-se, também, a necessidade de uma maior aproximação das abordagens do discurso dos estudos culturais com o discurso da educação inclusiva. *Ruth Pavan*, em “Inclusão/exclusão social: dialogando com as professoras de educação de jovens e adultos – EJA”, apresenta o resultado da tese que teve como objetivo compreender a reflexão dos professores e professoras da Educação de Jovens e Adultos sobre a exclusão social na sociedade brasileira atual. Inscreve-se na teoria crítica, teoria segundo a qual a exclusão não é provocada pelo indivíduo, mas fruto das relações da sociedade capitalista.

As autoras *Kátia De Conto Lopes e Ronalisa Torman*, em seu texto “O abuso sexual e o seu desdobramento na aprendizagem: uma reflexão acerca da inclusão”, apresentam uma pesquisa realizada no Núcleo de Atendimento e Extensão em Psicopedagogia (NAEP) do Centro Universitário Feevale, onde as pesquisadoras depararam-se com casos de pacientes com dificuldades de aprendizagem que sofreram abuso ou violência sexual. A partir dessa realidade, são realizadas algumas reflexões acerca do abuso sexual sofrido por estes pacientes, da dificuldade de aprendizagem que os mesmos apresentavam e da situação de inclusão momentânea que todos estavam vivenciando. Em “Identidade e inclusão social”, os autores *Eliana Müller de Mello, Micheline Kruger Neumann, Paulo Renato Thiele, Christian Coiro Spessato e Daine Aline Port* discutem os conceitos de poder, subjetivação e (a) normalidade, bem como os conceitos de cultura em relação à temática da Diferença e da Inclusão Social desde uma pesquisa em andamento sobre a produção da identidade da mulher no imaginário social através de três eixos norteadores da pesquisa: midiático, biológico e territorial. *Claudia Schemes e Cristina Ennes da Silva*, em seu artigo “Memória e construção identitária: o Centro Universitário Feevale”, abordam o processo de construção da memória e da identidade do Centro Universitário Feevale, instituição comunitária criada no ano de 1970 através da conjugação de forças da comunidade da cidade e da região. Utilizam, nessa análise, a metodologia de trabalho da história oral, pois, através de depoimentos, as autoras perceberam como a Instituição está construindo a sua memória e a sua identidade, levando-se em consideração uma multiplicidade de pontos de vista, experiências e memórias individuais.

Através desta diversidade de escritas, a Revista *Práxis* abriu mais uma vez o espaço de suas páginas para o diálogo e o cruzamento de diferentes áreas e referenciais teóricos. Desse modo, pretendemos apresentar um debate sobre a Inclusão que não traduza apenas um olhar sobre este tema, mas que traga a diversidade como elemento fundamental para pensarmos a Inclusão. Um boa leitura a todos.

Profª. Drª. Magali Mendes de Menezes
Editora Responsável